



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A ONTOLOGIA DE GANIMEDES: REPRESENTAÇÕES DE SUBJETIVIDADES HOMOERÓTICAS NA LITERATURA CLÁSSICA GRECO-ROMANA

José Walter da Silva

(Universidade Estadual da Paraíba, walterpkin@gmail.com)

Introdução

A alegação defendida pela teoria construtivista, vigente na contemporaneidade, considera a identidade gay um constructo discursivo, constituído principalmente por rotulagens oriundas do processo de 'entomologização'¹ de sexualidades periféricas praticado por psiquiatras no final do século XIX, tese baseada nas ideias de Foucault (1988). Conforme essa perspectiva, não havia uma caracterização da homossexualidade concebida sob o aspecto de uma categoria identitária, mas tão somente atos sexuais desprovidos de essência, indiferentes ao gênero, não se concebendo "dois apetites distintos" distribuindo-se em indivíduos diferentes, mas antes como duas formas de obter prazer.

Segundo afirma Foucault:

A sodomia dos antigos direitos, civil ou canônico- era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; é também uma morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É- lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém como natureza singular. **É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada- o famoso artigo de Westphal em 1870 sobre as 'sensações sexuais**

¹ FOUCAULT, Michel. História da sexualidade, a vontade do saber, volume I. 19ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p.51.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

contrárias' pode servir de data natalícia- menos como um tipo de relações sexuais do como uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. **A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androginia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie** (FOUCAULT, 1988, p. 50, grifos nossos).

Destarte, 'As práticas com rapazes ou com mulheres não constituíam categorias classificatórias entre as quais os indivíduos pudessem repartir-se; o homem que preferia os paidika² não se experimentava como "outro" face àqueles que buscavam as mulheres" (FOUCAULT, 1998, p. 170).

A abordagem construtivista, portanto, determina que sejam as práticas sociais e o discurso que vão dar nascimento à identidade e subjetividade do indivíduo, assegurando que uma coisa como "homossexualidade" não existia antes de o próprio termo ter sido criado; disso decorre uma ênfase na distinção inequívoca entre "o homossexual moderno" e as práticas homoeróticas dos antigos.

Em virtude de tais considerações, neste trabalho buscaremos apontar e corrigir o equívoco dessa proposição, partindo da análise e interpretação embasada no realismo, de trechos de "O Banquete" ou "Simpósio" de Platão (2011), texto filosófico que assume aparência de uma competição dialógica de louvores a Eros, escrito por volta de 384 e 379 A.C, produto da excelência literária e maturidade do autor, que apresenta, notavelmente, uma gênese para explicar a origem das pessoas homossexuais e heterossexuais, colocando em cena justamente as 'personagens', ao invés dos 'atos', resgatando a ontologia, em conformidade, pois, com a declaração de Rictor Norton (1998, p. 48) 'The locus classicus for the concepts of exclusive homosexuality and bisexuality is not a Victorian sexological manual, but Plato's Symposium'³.

Metodologia

Este texto procura destacar, por meio do estudo de caso, o olhar que o filósofo Platão, intermediado pelo personagem do comediógrafo Aristófanes, autor do conto das almas gêmeas, em O Banquete, direcionou para descrever uma subjetividade homoerótica pré-moderna. Nossa intenção é

² Eromenos, menino amado.

³ "O locus classicus para o conceito de homossexualidade exclusiva e bissexualidade não é um manual sexológico vitoriano mas sim o Simpósio, de Platão" (tradução nossa)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

problematizar a fragilidade do modelo nominalista diante das evidências fornecidas pela literatura clássica Greco romana, ressaltando um ponto de vista realista, trans cultural e trans histórico da identidade gay, por nós classificada como uma categoria descritiva e ontológica ao invés de construída e meramente epistemológica, malgrado as atuais conjecturas de caráter pós-estruturalista grassando na academia.

Como estratégia teórica metodológica, a pesquisa qualitativa empregada visou resgatar e interpretar o passado, através da decodificação de um excerto, estabelecendo várias relações, se situando na interface entre a História, a memória e os estudos literários, de modo a revisitar e recuperar a simbologia na qual o discurso de Aristófanes está submerso a fim de cotejar com a hipótese construtivista, extraindo diversos significados usualmente ignorados por esta última.

Tendo em vista o objetivo do artigo utilizamos de aportes teóricos convencionados por historiadores e antropólogos tais como Murray (2000) cujos escritos identificaram padrões recorrentes dentro da variabilidade de manifestações que o desejo pelo mesmo sexo tomou ao longo do tempo, nas inúmeras culturas ao redor do mundo; Mott (2002) que questiona os postulados de Foucault, revelando a emergência de uma subcultura gay em Pernambuco Colonial por meio de análises dos registros de julgamentos de sodomitas em Lisboa; Norton (1998), adepto do realismo ou inatismo, que enfatiza que o sujeito homossexual nasce gay, em oposição a "fazer-se gay", defendendo a crença na existência de um núcleo de desejo que é congênito, constitucional, estável e fixo em seu padrão básico, rejeitando afirmações de que o homossexual moderno e a subcultura gay são significativamente diferentes do passado.

No processo de análise do diálogo, em um primeiro momento traçamos um esboço dos seus elementos unificadores delimitando brevemente suas características gerais em relação ao conjunto do texto; período histórico, valores, relevância pedagógica e filosófica, contexto cultural; em seguida passamos a examinar por meio de um recorte a mentalidade de época que produziu a fala de Aristófanes, descrevendo as expectativas sociais, dimensão poética e simbolismos eróticos, e ao mesmo tempo paradoxalmente evocando o caráter excepcional e sui generis da narrativa, pouco representativa e destoando do senso comum da antiguidade greco romana. Por último, ao assinalar a presença das protos subjetividade homoeróticas nas entrelinhas da gênese platônica, confrontamos os dados obtidos na pesquisa em face da argumentação construtivista social, na tentativa ambiciosa de responder ao



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

questionamento sobre se de fato existiu no passado algo como uma categoria identitária equivalente aos nossos atuais 'gay', 'lésbica' ou 'heterossexual'.

Resultados e discussão

O banquete (*symposium*) em Atenas, pano de fundo para o texto platônico, é oferecido pelo belo e jovem Agatão, dois dias após sua vitória no concurso de poesia trágica, no intuito de celebrar essa conquista por meio de uma disputa ou torneio retórico, inserido na tradição democrática das controvérsias, filosofia dialética que consistia em confrontar argumentos. Informa Victor Sales Pinheiro, na Introdução da obra:

O Banquete é, assim, um concerto em que múltiplas vozes rivalizam sobre a natureza do amor. Fruto da excepcionalidade poética de Platão, a competição entre os oradores é também entre gêneros literários: retórico, científico, cômico, trágico e filosófico. Característica nuclear da cultura helênica, a luta (*ágon*) estrutura a experiência do homem grego no mundo, pensado como antagonismo de forças opostas. A formação de uma sociedade de homens livres e iguais permitia-lhes desenvolver relações competitivas no amor, nas artes, no esporte, na política e no pensamento.⁴

Os comensais, em meio à música e bebida moderada, se preparam para tecer louvores a Eros, competindo dialeticamente entre si, em atmosfera sensual, cômica e dramática.

Além do anfitrião e seu companheiro inseparável Pausânias, estão presentes Fedro, o médico Erixímaco, Aristófanes, o general Alcibíades e Sócrates, este último, autor do discurso mais longo, e naturalmente, o centro das atenções, que revelará e transmitirá a sabedoria iniciática relacionada aos mistérios, da sacerdotisa estrangeira Diótima de Mantinéia, sua mestra.

Este *symposium* teria ocorrido em 416, de acordo com Pinheiro⁵ "no momento do último sopro da cultura ateniense, revolvida nas últimas décadas do século v a. C. pelo influxo dos sofistas, dos naturalistas e de Sócrates", um marco para o começo do declínio político ateniense; sob liderança de Alcibíades, a cidade-estado se organizava audaciosamente a fim de invadir a Sicília, planejando uma

⁴ PLATÃO, 2011, p. 31.

⁵ PLATÃO, 2011, p. 36.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

expedição militar de proporções nunca antes vistas, que começou mal e terminou de modo catastrófico. Na ocasião, as hermas (bustos do deus Hermes, o senhor dos caminhos) de mármore em Atenas, tradicionalmente postadas de frente às residências e recintos sagrados, foram quase todas mutiladas na face em uma só noite. O caso foi considerado muito grave, de mau agouro para a expedição, e levantou suspeita de uma conspiração com objetivo de abolir a democracia. Alguns metecos⁶ e servos acusaram Alcibiades de participação nos atos sacrílegos, fornecendo informações a propósito de mutilações anteriores perpetradas por jovens embriagados, incluindo-o nas denúncias, o que teria contribuído para o desastre da armada naval, que determinará a decadência da cidade estado (TUCÍDIDES, 2001, p. 371).

O mito antropogônico em O Banquete se inicia logo após a fala de Erixímaco, que insta a Aristófanes a evitar as piadas: "Amigo Aristófanes, vê bem o que fazes. Disposto, como te achas, a gracejar desde o começo, obrigas-me a vigiar o teu discurso, para o caso de soltares alguma graça, quando podias muito bem manter-te sério" (PLATÃO, 2011, p. 113).

Entretanto, o célebre comediógrafo tranquiliza o médico, e confessa-lhe; antes da preocupação de fazer graça, vem o medo de tornar-se ridículo por causa do que vai dizer em seguida, e principia o seu discurso :

No meu modo de pensar, os homens absolutamente não fazem ideia do poder de Eros; porque se fizessem, construiriam em seu louvor templos magníficos e lhe ofereceriam solenes sacrifícios, diferentemente do que se passa hoje, em que nenhum culto lhe é dedicado, quando importava, antes de mais nada, venerá-lo. Com efeito: dos deuses é o mais amigo dos homens, protetor de todos e médico para males cuja cura definitiva redundaria em ventura indizível para o gênero humano. Assim, vou tentar explicar-vos o seu poder, para que possais transmitir a outros esses ensinamentos.

Porém, primeiro precisareis conhecer a natureza humana e as modificações por que passou. Antigamente, nossa natureza não era como a de agora, mas muito diferente. Para começar, havia três sexos, e não dois apenas, como hoje: masculino e feminino. Além desses, havia um terceiro, formado dos outros dois; o nome ainda subsiste,

⁶ Nome dado em Atenas aos estrangeiros que haviam fixado residência nesta cidade."metecos", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/metecos> [consultado em 20-04-2015].



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

porém o sexo desapareceu. Em verdade, era o sexo andrógino, com a forma e o nome dos outros dois sexos, masculino e feminino (PLATÃO, 2011, p. 115)

Aristófanes, a despeito de assegurar que se manteria a sério, com muita graça descreve a aparência primitiva dos seres humanos; redondos, como uma bola, se desatavam a correr velozmente o faziam igual os saltimbancos, dando cambalhotas no ar.

Eles tinham quatro pernas, quatro braços, quatro mãos, dois rostos idênticos (em cada lado de uma cabeça única) por cima de um pescoço bem torneado. Quatro orelhas, dois órgãos genitais e todo o resto que se pode imaginar. Em função dessa natureza e força duplicadas, deslocavam-se com incrível rapidez.

A forma esférica e redondeza das criaturas era herança paterna; o duplo masculino (*Andros*) originou-se do sol, o feminino (*Gynos*) da terra, o duplo andrógino (*Androgynos*) da lua (parte terra, parte sol).

Dotados de grande poder, vigor extraordinário e coragem sem paralelos, atacaram os próprios deuses Olímpicos; Aristófanes observa que era deles que falava Homero ao mencionar Efialtes e Oto, dois gigantes irmãos gêmeos, filhos de Poseidon, que tentaram escalar o monte Olimpo, uma intertextualidade que nos transporta para uma releitura do tema universal da guerra dos gigantes, enviados por Gaia para destruir e os deuses (Gigantomaquia):

Vi depois dela, Ifimedéia, esposa de Aloeú; disse ela ter-se entregue a Poseidon, gerando dois filhos de curta vida, o divinal Oto e Efialtes de largo renome; foram os mais altos e incomparavelmente os mais belos que a terra criou debaixo do glorioso Órion; aos nove anos, mediam nove côvados de largura e alcançavam nove braços de altura; eles ameaçaram aos imortais do Olimpo erguer guerra impetuosa. (HOMERO, 2006, p. 133)

Na versão da gigantomaquia de Aristófanes, Zeus deliberou junto das demais divindades sobre o que fazer com eles; a relutância em simplesmente destruir e fulminá-los devia-se ao fato de que extinguir a raça humana implicava no desaparecimento do culto e sacrifícios prestados pelos homens.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Enfim o pai dos deuses chegou a uma conclusão:

Depois de muito refletir, falou Zeus deste modo: 'Penso ter encontrado um meio', declarou, 'de conservar os homens e pôr cobro a essa indisciplina: bastará enfraquecê-los. Agora mesmo vou dividi-los pelo meio, pois desse modo não somente ficarão mais fracos, como nos serão também de maior utilidade, pelo fato de aumentarem de número. Passarão a andar com dois pés, em posição ereta'. (PLATÃO, 2011, p. 117)

Andros, *Gynos* e *Androgynos* foram cortados; suas metades gêmeas separadas, tal qual um ovo é cortado ao meio ou uma laranja. Conforme iam sendo divididos, Apolo lhes virava o rosto para o lado do corte, a fim de lembrá-los da sua transgressão; o deus ia curando as feridas e fechando as incisões, localizada na região do umbigo. Deste modo seccionadas, cada metade sentiu profunda saudade da outra e procurando ambas suas unidades perdidas, estendiam os braços reciprocamente, estreitando-se, no desesperado desejo de fundir-se num só corpo, e assim se deixavam morrer de inanição.

Com pena deles, Zeus imaginou um estratagema para mitigar essa dor da separação; transferiu os órgãos genitais, das costas para frente. Consequentemente, ao abraçarem-se eles se reproduziram, salvando-se; até então a concepção entre eles se dava como com as cigarras, fertilizando os ovos na terra.

O abraço erótico, explica-nos Aristófanes, tinha duas finalidades agora; entre homem e mulher, a geração e propagação da espécie. Entre dois homens ou duas mulheres, o objetivo era saciar o desejo, possibilitando a separação temporária e condições de voltar às atividades habituais e prover as necessidades da vida.

Encerrando o seu discurso cômico, trágico e pungente, Aristófanes nos brinda com uma explicação ontológica para as origens das orientações sexuais, dois mil anos antes dos escritos sobre homossexualidade no gabinete clínico do médico vitoriano tratarem do assunto:

Os indivíduos provindos do corte daquele ser misto que denominamos andrógino são mulheregos, sendo desse gênero que sai a maior parte dos adúlteros, como também saem deles as mulheres que se apaixonam por homens e as mulheres adúlteras. Já as mulheres que são cortes do ser feminino primitivo não se preocupam



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

absolutamente com homens e preferem outras mulheres; desse gênero originam-se as tribades.⁷ Os que são cortes de seres masculinos procuram indivíduos do mesmo sexo, e, quando crianças, precisamente por serem fragmentos de homem, afeiçoam-se a estes e se comprazem em deitar-se juntamente com eles e em abraçá-los. (PLATÃO, 2011, p. 121)

Considerando que o amor debatido e louvado em *O Banquete* é principalmente o homossexual masculino, conforme revela Pinheiro (PLATÃO, 2011, p. 44), e levando em conta a finalidade desta análise, que consiste em observar as representações das subjetividades homoeróticas na literatura Greco romana, cabe apontar a forma como Aristófanes (2011, p.115) retrata os primeiros seres humanos, ao elencar as categorias de gênero, esclarecendo que "para começar, havia três sexos e não dois como hoje: o masculino e feminino; além destes existia um terceiro, o andrógino".

Conquanto esse mito por vezes seja chamado de "mito do andrógino" em referência a este terceiro sexo, na realidade isso constitui uma imprecisão; o andrógino é apenas a terceira natureza da humanidade, incluída em pé de igualdade junto das demais. Além disso, deve-se atentar para a sutileza no discurso de Aristófanes, que remove o conhecimento pré-concebido sobre o "andrógino", elucidando que "Porém, só o nome chegou até nós, bastante "desmoralizado" (PLATÃO, p. 115).

Ironicamente, essa descrição das três naturezas entra em conflito com a alegação de Foucault postulada em *História da Sexualidade*, de que "as práticas com rapazes ou com mulheres não constituíam categorias classificatórias entre as quais os indivíduos pudessem repartir-se", (FOUCAULT, 1998, p. 170). Posto que a cada criatura é dada uma única natureza, distinta das demais, "repartida", discriminada e perfeitamente isolada, experimentando cada uma o olhar do "outro" sobre si, essa visão parece insustentável. É pertinente atentar também para o fato de que Aristófanes está narrando aqui a vida de personagens; subentende-se aí pois um passado, uma história, uma infância, uma forma de vida, uma morfologia, um caráter, uma espécie, ao invés de atos ou incidentes eróticos.

Com relação ao paradigma da assimetria erótica pederástica, preferido dos construtivistas sociais para compreender as relações homossexuais na Grécia, de duração relativamente curta, distinguindo-se as polarizações do erastes (ativo) e eromenos (passivo), papéis de superioridade e inferioridade relacionados ao status social, Murray chama a atenção, em contraste, para o modelo igualitário proposto no discurso de Aristófanes; não há distinção aqui entre aquele que penetra e o que é

⁷ Mulher homossexual."tribade", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam>. [consultado em 20-04-2015].



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

penetrado, e as metades são absolutamente iguais, tendo ambas a mesma idade, dado que nasceram juntas (MURRAY, 2000, p. 374).

Em outro aporte do texto platônico, nós constamos que somos 'fragmentos', condenados à incompletude, em busca da unidade encontrada somente no abraço daqueles de quem fomos originalmente seccionados; os fragmentos do homem afeiçoam-se ao homem e se comprazem em deitar com ele, os fragmentos da mulher preferem outras mulheres à semelhança das tríades, os fragmentos do andrógino são, naturalmente, apaixonados pelo seu oposto. Isso é precisamente um modo de opor, "como duas escolhas excludentes, dois tipos de comportamentos radicalmente diferentes, o amor ao seu próprio sexo e o amor ao sexo oposto" (FOUCAULT, 1998, p.167).

Será que as eventuais preferências pelo mesmo sexo ou pelo sexo oposto eram apenas "questão de gosto", que podiam prestar-se a gracejos, mas não a tipologias implicando a própria natureza do indivíduo? E que não imaginavam que o homem tivesse necessidade de uma "outra" natureza para amar um outro homem? (FOUCAULT, 1998, p. 170, 171, 172)

Certamente não se encontrará a resposta em Aristófanes, cujo conselho ao cabo do discurso claramente denota o reconhecimento de uma pulsão peculiar a cada um, e a necessidade de uma natureza "outra" para se amar alguém:

Nossa espécie só poderá ser feliz quando realizarmos plenamente a finalidade do amor e cada um de nós encontrar o seu verdadeiro amado, retornando, assim, à sua primitiva natureza. Se isso for o que há de melhor, forçosamente, nas presentes circunstâncias o melhor, para cada um, será o que mais aproximar-se desse desiderato, a saber: encontrar o amigo cuja natureza corresponda a suas aspirações (PLATÃO, 2011, p. 125)

Ao nos afastar das concepções construtivistas ratificamos a perspectiva realista adotada por Rictor Norton, para quem as identidades gays e a subcultura homossexual já estavam bem estabelecidas muito antes do momento de sua suposta primeira caracterização em 1870,⁸ pois, "In other words, not only were queer identities and a queer subculture well-established several years before Foucault's 'queer moment', but society's 'construct' or conception of 'the homosexual' had not yet been formed."⁹ 1870 (NORTON, 1998, p.74).

⁸ Norton aponta o equívoco desleixado de Foucault na compilação da data do artigo de Westphal, que na realidade é 1869.

⁹ "Em outras palavras, não apenas as identidades e sub-cultura queer estavam bem estabelecidas anos antes



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Igualmente, o antropólogo Luiz Mott constatou, utilizando como fio condutor o processo de um sodomita de Pernambuco colonial, preso pela Inquisição Portuguesa em 1595, a existência de uma subcultura sodomítica muito anterior e bem mais estruturada do supõe Foucault e os construtivistas sociais:

Como primeiro traço desta subcultura sodomítica (Trumbach 1985) poderíamos apontar sua clandestinidade. Da mesma forma que os cristãos-novos e praticantes de rituais heterodoxos mantinham secretos suas práticas idiossincráticas, igualmente agiam os fanconos, pois a revelação do que se passava debaixo das cobertas de suas camas, ou no recôndito das redes, poderia levá-los à fogueira. Certamente que possuíam sinais diacríticos e símbolos secretos de auto-identificação, como ocorria com outras cripto-minorias, e já foi documentado para os paedicones na Roma Imperial (Adams, 1982) e para os sodomieten na Holanda setecentista (Meer, 1984) e ainda hoje no gueto gay (Pollack, 1985; lenço no bolso). Como os somitigos encobertos se auto-identificavam e iniciavam a paquera no Brasil colonial, infelizmente a documentação é omissa. Temos, porém, alguns instantâneos documentais da subcultura gay que os próprios escribas inquisitoriais se encarregaram de registrar (MOTT, 2002, p. 33)

Para Murray, evitar o perigo de rotular a todos que se envolvem em comportamentos homossexuais em toda parte como uma "pessoa gay" expõe a um perigo oposto; a argumentação de que a homossexualidade só existe em modernas sociedades ocidentais, considerando ainda :

To be sure, there is diversity, but there are only a few recurring patterns. Relatively few of the imaginable structurings of same-sex sex recur in the panorama of known societies, despite the tradition of anthropologists and other travelers of stressing "exotic" differences and the tendency not to bother mentioning what is família¹⁰ (MURRAY,2000, p. 1)

Conclusões

do "momento queer" de Foucault, mas o 'constructo' ou conceito de 'homossexual' não tinha ainda sido formado pela sociedade" (Tradução nossa)

¹⁰ "Sem dúvida há diversidade, mas há apenas alguns padrões recorrentes. Relativamente poucas das estruturas imagináveis de sexo entre pessoas do mesmo gênero ocorrem no panorama das sociedades conhecidas, apesar da tradição de antropólogos e outros viajantes de salientar diferenças "exóticas" e a tendência de não se importarem de mencionar o que é familiar" (Tradução nossa)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Um efeito prático da aplicação da teoria da construção social para a identidade gay pode ser observado toda vez que é lembrado um personagem notoriamente homossexual do passado; logo surge a acusação de ‘anacronismo’, baseada nos dogmas e equívocos de Foucault, apagando da memória histórica o sujeito protagonista de infindáveis lutas de sobrevivência e resistência, destruindo suas reivindicações identitárias, removendo-o para o limbo dos desviantes, que é a ausência da ontologia. Reportando-nos mais uma vez às palavras de Norton:

And queers, like Mexicans, Blacks and Jews, can draw strength from an awareness of their own culture and history. ‘What gives any group of people distinction and dignity is its culture. This includes a remembrance of the past and a setting of itself in a world context whereby the group can see who it is relative to everyone else’ (Grahm 1984). The search for cultural unity in the queer past is relevant even in the age of AIDS when attention is urgently focused upon the immediate present and near future. In Paul Monette’s *Borrowed Time* (1988) a man and his lover who is dying with AIDS visit Greece: ‘Impossible to measure the symbolic weight of the place for a gay man... . Ancient places "confirm" a person, uniting a man to the past and thus the future (NORTON,1998, p. 6)¹¹

Em *O Banquete*, porém, ao discursar sobre as origens do amor, Aristófanes foi ainda mais longe; criou a primeira taxonomia, o primeiro igualitarismo, a primeira gênese na qual os desviantes são evocados, incluídos, celebrados nas mesmas condições dos que andam conforme a "norma".

Quer o empenho em restabelecer a memória da nossa antiga natureza seja chamado de amor, ou seja chamado de política, concordamos no fim com Albert Camus; "O homem tem duas faces: não pode amar ninguém, se não se amar a si próprio."¹²

Referências Bibliográficas

¹¹ "E 'queers', como mexicanos, negros e judeus, podem extrair força da consciência de sua própria cultura e história. O que dá a cada grupo de pessoas distinção e dignidade é a sua cultura. Isso inclui a lembrança do passado e a acomodação dele num contexto mundial onde um grupo pode se ver quem se é relativamente aos outros. (Grahm 1984). A procura pela unidade cultural no passado 'queer' é relevante até mesmo na era da AIDS, quando a atenção é urgentemente focada no presente imediato e no futuro próximo. No obra '*Borrowed Time*' de Paul Monette (1988), um homem e seu amante que está morrendo de AIDS visitam a Grécia : 'É impossível medir o valor simbólico do lugar para um homem gay ... os lugares antigos 'fortalecem' a pessoa unindo um homem com o passado e, portanto, com o futuro" (Tradução nossa)

¹² CAMUS,Albert. *La Chute*,Paris,1956.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA ON LINE. **Priberam**. Disponível em:
<<http://www.priberam.pt/dlpo/>> Acesso em 20 de abril de 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade. volume 1, A vontade de saber**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade. volume 2, O uso dos prazeres**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

HOMERO. **Odisséia**. 15ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MURRAY, Stephen.O. **Homosexualities**. Chicago: The University of Chicago, 2000.

MOTT, Luíz. **Cripto-sodomitas em Pernambuco colonial**. Revista Antropológicas, 2002, ano 6, volume 13,(2): 7-38.

NORTON, Rictor. **The Myth of the Modern Homosexual, Queer History and the Search for Cultural Unity**. London,: Cassell, 1998.

PLATÃO. **O Banquete**. Introdução de Victor Sales Pinheiro. 3ª ed. revisada e bilíngue. Belém: ed. ufpa, 2011.

TUCÍDIDES. **História da guerra do Peloponeso**. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.